

## A música da prosa. Traduzindo os recursos sonoro-semânticos da *Utopia*, de Thomas Morus (livro II)

La musique de la prose. La traduction des ressources sonoro-sémantiques de l'*Utopie* de Thomas Morus (livre II)

Ana Cláudia Romano Ribeiro\*

**Resumo:** Ao traduzir a *Utopia* do latim ao português do Brasil, percebi um texto em alguns aspectos diferente daqueles publicados em traduções do *libellus aureus*. Nestas, certas características do modo pelo qual se expressa Thomas Morus se perdem. Uma delas, o caráter poético, já havia sido notado por Erasmo, que em seu *Diálogo ciceroniano* (1528) dizia ser possível reconhecer “o poeta” na prosa de Morus, algo decorrente, sempre segundo Erasmo, de uma longa prática de escrita de poesia. Pode-se reconhecer esse caráter poético por exemplo, em certa musicalidade, expressa, na *Utopia*, na forma de “rimas e ritmos” (cf. André Prévost, 1978), ou em figuras como a litotes (estudada por Elizabeth McCutcheon, 1971), que constituem, junto a outros elementos, um texto denso, bem distante da *neglectam simplicitatem*, pista falsa com a qual Morus caracteriza sua *Utopia*, na célebre carta a Pieter Gillis. Ainda no século XVI, Juan Vives recomendava a leitura da *Utopia* por duas razões: tanto pelo uso da língua quanto pelo assunto. E, no entanto, ao longo dos séculos, a *Utopia* parece ter sido objeto de seus críticos sempre mais pelo assunto do que pelas especificidades de seu estilo, dissociação que, ressalte-se, é artificial, se pensarmos que forma e sentido são indissociáveis. Tal predileção pelo sentido em detrimento da forma se percebe pela escassez de bibliografia que trata do estilo da prosa moreana e pela pouca

---

\*Ana Cláudia Romano Ribeiro é professora da Graduação e da Pós-Graduação do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, e pesquisadora colaboradora na área de Estudos Clássicos do Instituto de Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas, onde foi bolsista do CNPq e desenvolve seu atual projeto de pós-doutorado, que tem por objeto a tradução e estudo da *Utopia*, de Thomas More. Doutorou-se, neste mesmo instituto, em Teoria e História Literária, com o apoio da Fapesp e foi *Junior Visiting Scholar* na Universidade de Milão, com uma bolsa da Fundação Cariplo. É pesquisadora nos grupos Renascimento e Utopia (CNPq/Unicamp), U-TOPOS - Centro de Pesquisa sobre Utopia (Unicamp) e Intertextualidade na literatura latina: teorias e práticas intertextuais na literatura latina e sua recepção (CNPq/Unicamp). Co-edita a revista acadêmica anual *Morus - Utopia e Renascimento* e co-organiza os eventos científicos e publicações ligados a este periódico. Publicou a tradução comentada de *A terra austral conhecida* (Genebra, 1676), de Gabriel de Foigny (Editora da Unicamp, 2011).

atenção que suas particularidades têm recebido por parte dos tradutores, que, em geral, não se preocupam em traduzir as figuras de som, reforçando a separação letra/espírito. Este artigo apresenta algumas das figuras de som do livro II da *Utopia*, cotejando o texto latino com algumas traduções para o português, italiano, francês e inglês, colocando em relevo o uso poético que Morus faz do latim.

**Palavras-chave:** *Utopia*, tradução, recursos sonoro-semânticos, figuras de som.

**Resumée:** En traduisant l'*Utopie* du latin au portugais du Brésil j'ai aperçu un texte en quelques aspects différent de ceux que l'on lit dans les traductions du *libellus aureus*. Dans ces traductions certaines caractéristiques de l'écriture de Thomas Morus se perdent, dont le caractère poétique, par exemple, déjà noté par Erasme qui, dans son *Dialogue cicéronien* (1528) dit être possible reconnaître dans la prose de Morus "le poète", ce qu'il attribue à une longue pratique d'écriture de poésie. Ce caractère poétique se fait présent dans une certaine musicalité, dans la prose de Morus, qui s'exprime sous la forme de "rimes et rythmes" (cf. André Prévost, 1978), ou dans des figures comme la litote (étudiées par Elizabeth McCutcheon, 1971), qui constituent, ensemble à d'autres éléments, un texte dense, bien éloigné de la *neglectam simplicitatem*, fausse piste avec laquelle Morus caractérise son *Utopie*, dans la célèbre lettre à Pieter Gillis. Déjà au XVI<sup>e</sup> Juan Vives recommandait la lecture de l'*Utopie* pour deux raisons: aussi bien par l'usage de la langue que par son contenu. Et, portant, le long des siècles, l'*Utopie* semble avoir été objet de ses critiques toujours plus par son sujet que par les spécificités de son style - dissociation qui, je souligne, est artificielle, car forme et sens sont indissociables. Une telle prédilection par le sens en détriment de la forme se perçoit dans la mince bibliographie qui traite du style de la prose moréenne et dans la quasi nulle attention que ses particularités reçoivent de la part des traducteurs qui, en général, ne se soucient pas de traduire les figures de son. Dans ce travail, on a l'intention de présenter quelques figures de son du livre II de l'*Utopie*, en confrontant le texte latin avec des traductions en portugais, italien, français et anglais, mettant ainsi en relief l'usage poétique du latin moréen.

**Mots-clefs:** *Utopie*, traduction, ressources sonoro-sémantiques, figures de son.

Em 1516, Thomas Morus escreveu a Erasmo, encarregando-o de cuidar da publicação de seu *De optimo reipublicae statu deque noua insula Utopia libellus uere aureus, nec*

*minus salutare quam festiuus, clarissimi disertissimique uiri Thomae Mori inclytæ ciuitatis Londinensis ciuis & Vicecomitis*, opúsculo dividido em duas partes. A primeira edição da *Utopia* foi publicada por Thierry Martens em Lovaina, em finais de 1516. Seguiram-se as edições de 1517, parisiense (editada por Gilles de Gourmont), e as de março e novembro de 1518, publicadas em Basileia por Johann Froben<sup>1</sup>. A terceira edição<sup>2</sup>, considerada pela maior parte dos estudiosos da *Utopia* a mais autorizada como ponto de partida para novas reedições, parece ter sido a última a ter sido revista pelo próprio Morus e é a base para a edição crítica publicada no volume 4 de *The Yale edition of the complete works of St. Thomas More* (New Haven/London: The Yale University Press, 1965), editado por Edward Surtz e Jack H. Hexter. Minha tradução da *Utopia* partiu do texto estabelecido nesta edição, que baseia-se na terceira impressão da *Utopia*, mas colaciona, em seu aparato crítico, além das quatro primeiras edições, outras, subsequentes: Lovaina, 1548; Colônia, 1555; Basileia, 1563; Lovaina, 1565-66; Frankfurt, 1601; Hanover, 1613; Colônia, 1629; Oxford, 1663; Helmstedt, 1672; Londres e Paris, 1777; Oxford, 1895; Berlim, 1895; Paris, 1936.<sup>3</sup>

As duas partes, ou dois livros, da *Utopia* foram escritas em momentos diferentes. O livro II, de acordo com alguns comentadores, teria sido esboçado em 1509, ano em que Erasmo concebeu e redigiu o seu *Elogio da Loucura*, cuja escrita ele terminara na casa de Morus, a quem o dedicara, pois, segundo ele, fora o próprio Morus quem lhe inspirara a obra, mais precisamente, seu nome: em grego, *μωρός* significa louco (e também estúpido, insensato, bobo...), e *μωρία*, loucura – ora, para Erasmo ninguém estava mais distante dela do que Morus, o que provava que nem sempre o nome de alguém exprimia seu destino. Ele comenta que a Morus conviria o epíteto de *μωρόσοφος* (“morósofo”), ou seja, louco apenas no nome, já que sábio de fato (ver Marc’Hadour (1971 e 1964). Na origem da *Utopia* estaria um projeto de escrever um *Elogio da Sabedoria (Sofia)* que dialogaria com o *Elogio da Loucura (Moria)*, indicando aos homens o caminho para subtrair-se ao império da loucura: deixar-se guiar pela razão, esta parte racional da natureza, único modo de alcançar a virtude e a sabedoria (é essa a hipótese de QUARTA, 2006, p. 36-39). Em 12 de maio de 1515 Morus foi enviado de Londres a Bruges por Henrique VIII, para reunir-se com legados do futuro

---

<sup>1</sup>Uma história detalhada de cada uma dessas quatro primeiras pode ser lida em “Editions of *Utopia*”, por Edward Surtz, na introdução à *The Yale Edition of The Complete Works of St. Thomas More*, vol 4, *Utopia*, p. clxxxiii-cxciv (ver MORE, *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.), 1965).

<sup>2</sup>Um exemplar dessa terceira edição encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup>Em 3 de setembro de 1516, Morus enviou a Erasmo seu manuscrito, juntamente com uma carta a Pieter Gillis, à guisa de prefácio. O livro foi publicado em dezembro de 1516. Segundo Gillis, Erasmo, encarregado de cuidar da publicação, teria acrescentado alguns versos e as notas marginais. Baker-Smith (in More, 2012, p. xxxviii) supõe que os subtítulos do Livro II, um tanto arbitrários, tenham sido acrescentados neste momento, mas não se sabe por quem. Informações bibliográficas detalhadas a respeito das edições da *Utopia* até 1750 podem ser consultadas em *St. Thomas More: A Preliminary Bibliography of His Works and of Moreana to the Year 1750*, compilação organizada por R. W. Gibson (1961).

Carlos Quinto. De Bruges ele foi a Antuérpia (em fins de setembro), cidade de letrados, onde se encontrou com seu amigo Pieter Gillis (1487-1533), humanista que havia sido Secretário de Antuérpia em 1510, editor (publicou, por exemplo, uma compilação das cartas de Erasmo) e corretor de provas da tipografia de Theodor Martens, em Lovaina. Nesta ocasião, Morus foi apresentado por Cuthbert Tunstall, bispo de Londres que o acompanhava, citado no início do livro I da *Utopia*, ao humanista Jeroen van Busleyden, membro do Grande Conselho de Malines e fundador do Colégio das Três Línguas, que o fez visitar sua biblioteca. Foram nestas semanas que Morus, retomando as notas acumuladas desde 1509, redigiu uma *Oratio* de forma semelhante ao livro de Erasmo, em que o orador não se identifica e se dirige a um público indeterminado, e que devia compor um díptico com o *Elogio da Loucura*: um “*elogio da sabedoria*, mas de uma sabedoria tão bela que ela não poderia existir em ‘nenhum lugar’” (GOYARD-FABRE, 1987, p. 37). Antes de retornar à Inglaterra, a *Oratio* tornou-se *Nusquama* (cf. Quarta 2006), substantivo criado a partir do advérbio latino *nusquam*, “nenhum lugar”, nome que precedeu *Utopia*. Morus remanejou o conteúdo e inventou Raphael Hythlodæus, o marinheiro-filósofo. De volta à Inglaterra, a pedido de Erasmo ele retomou seu texto, acrescentando à descrição das instituições utopianas, que constitui o segundo livro da *Utopia*, a crítica da sociedade inglesa, presente no primeiro livro, uma carta-prefácio e uma conclusão dedicada a Pieter Gillis.

A *Utopia* tornou-se, segundo Kytzler, a mais conhecida obra escrita em neolatim<sup>4</sup>. A primeira tradução da *Utopia* a ter declarado levar em consideração as particularidades do latim de Morus foi a da classicista Marie Delcourt, editada pela primeira vez em 1936. Em sua edição da tradução do latim ao francês, referindo-se às edições de Lupton (Oxford, 1895), de Michels e Ziegler (Berlin, 1895) e de Sampson e Guthkelch (Londres, 1910), ela comenta:

aucun de ces éditeurs ne considère le texte comme devant être étudié en soi, avec l'idée qu'il faut le connaître pour atteindre la pensée et l'art de More. Pour les éditeurs anglais tout se passe comme si l'*Utopia* latine était une annexe de la vieille traduction de Ralph Robynson (1551), lequel était un peu leur Amyot. [...] Le style latin de More est curieux et vaut d'être regardé de près. Or, même l'édition de Berlin se borne à des notes critiques et à des notes historiques. Des notes grammaticales sont

---

<sup>4</sup> “Even though utopian ideas were certainly current in Classical Antiquity, it was not until the Humanist era (Humanism) that the concept actually received its current name, namely as the title of the book that today is the most famous of all books written in Neo-Latin, the *Utopia* of Thomas More (1516)” (Kytzler, 2012).

indispensables si l'on veut saisir le mouvement de cette langue encore vivante mais à la veille de se scléroser<sup>5</sup>.

Delcourt, porém, ainda que preocupada em entender o que é próprio da escrita latina moreana, não parece ter se preocupado em traduzir suas peculiaridades, como as figuras de som, que interessam a este artigo. Sua tradução aclimata o texto moreano ao um estilo tradutório que se mostra herdeiro das *belles infidèles*, apagando, assim, uma das marcas do estilo do autor.<sup>6</sup>

De fato, um dos aspectos menos trabalhados pelos críticos da *Utopia* é, justamente, a especificidade do latim em que ela foi escrita, seu estilo e suas particularidades, cujas qualidades foram percebidas já no século XVI, por Juan Luis Vives, que recomendava a leitura da *Utopia* tanto pelo uso da língua quanto por seu assunto<sup>7</sup>. Esta lacuna, observada por Surtz em 1967<sup>8</sup>, prevalece, conforme notou Clarence Miller em 2011<sup>9</sup>, e sobre o latim do *libellus aureus*, a bibliografia é tão curta que é possível brevemente enumerá-la. Até o momento, encontrei os comentários de Marie Delcourt à edição da *Utopia* por ela estabelecida (1936); *A study of the cursus in the works of St. Thomas More* (1943), de Mary Rosenda Sullivan; “Le latin de Thomas More dans *Utopia*” (1966), de R. Monsuez; “More’s latin style in *Utopia*” (1967), de Edward Surtz e dois de seus artigos que integram sua edição do *libellus aureus*, “*Utopia* as a work of literary art” e “Vocabulary and diction in *Utopia*” (1965); “Denying the contrary: More’s use of litotes in the *Utopia*” (1971), de Elizabeth McCutcheon; os comentários de André Prévost em sua edição da *Utopia* (1978); “Essai sur le vocabulaire néo-latin de Thomas More” (1998), de René Hoven; os comentários de Aires Nascimento em sua tradução para o português de Portugal (2009) e, mais recentemente,

---

<sup>5</sup> MORE. *L’Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. [1ª ed. 1936], (1983), p. 7.

<sup>6</sup> Uma comparação entre o texto latino, essa tradução francesa e as traduções que ela critica seria um futuro objeto de pesquisa relevante, pois esclareceria as concepções tradutórias de Delcourt, entendendo melhor sua prática e suas diferenças em relação aos tradutores citados por ela, situando-a no panorama da história da tradução e da filologia na França.

<sup>7</sup> Essa informação é reportada por Surtz: “Already in October 1523, in response to Catherine of Aragon’s request for a program of study for Princess Mary, Vives was recommending the *Utopia* for both style and content: ‘Auctores in quibus versabitur, ii erunt qui pariter et linguam et mores excolant, atque instituant; quique non modo bene scire doceant, sed bene vivere; hujusmodi sunt Cicero, Seneca, Plutarchi opera..., aliquot Platonis opera, praesertim qui ad rempublicam gubernandam spectant, ... Erasmi institutio principis, ... Thomas Mori *Utopia*.’” (apud Surtz, 1967, p. 109, n. 8)

<sup>8</sup> Surtz, após ter escrito sobre o estilo na *Utopia* em dois textos publicados juntamente à sua edição do *libellus aureus* (em More, 1965), escreveu um artigo em que analisa, à luz do *De copia*, de Erasmo, os recursos estilísticos empregados por More em sua obra mais conhecida. Ao final deste artigo, ele reconhece a necessidade de continuidade das pesquisas nesse campo: “The present analysis, in a sense, has merely scratched the surface. Detailed and painstaking studies need to be made of every element of style, perhaps in verification, perhaps in rebuttal, of the assertions made and conclusions reached in this article and in the recent edition of the *Utopia*.” (1967, p. 107, n. 7)

<sup>9</sup> Segundo Miller, “very few studies pay much attention to the actual continuous language, the style(s) of the work” (2011, p. 71).

“Style and meaning in More’s Utopia: Hythloday’s sentences and diction” (2011), de Clarence Miller (também ele tradutor da *Utopia*). Além desses textos, incluem-se também os artigos e resenhas a respeito de traduções da *Utopia* que, pontualmente, comentam o uso da língua e suas traduções, e o volume organizado por Terence Cave, *Thomas More’s Utopia in early modern Europe. Paratexts and contexts* (2012).

Tradutores da *Utopia* como Marie Delcourt, André Prévost, George Logan e Clarence Miller assinalam a “linguagem variada” usada por More. Delcourt chegou até mesmo a levantar a hipótese de que se trata de um texto de caráter oral<sup>10</sup>, que teria sido ditado por More a seu secretário, John Clement<sup>11</sup>, hipótese à qual Aires Nascimento não adere, ainda que concorde que “o ritmo da frase, na sua variedade, corresponde à prática da barra de tribunal que Moro [Morus, que era advogado] utilizava com perfeição”<sup>12</sup>.

A carta de Morus a Gillis, colocada à guisa de prefácio em quase todas as edições da *Utopia*, ao dizer que a narração de Rafael Hitlodeu é dotada de uma “simplicidade descuidada” (*neglecta simplicitas*), pode levar o leitor (e o tradutor) a, ingenuamente, negligenciar o aspecto “poético” da prosa moreana. Esta “simplicidade” deve-se ao fato, continua o personagem Morus, de o marinheiro conhecer mais o grego do que o latim (*deinde hominis, ut scis, non perinde Latine docti quam Graece; CW 38/11-12*). Logo, reproduzindo o estilo de Hitlodeu, Morus diz que estaria sendo fiel ao que lhe foi narrado, estando mais próximo, portanto, da exatidão e da verdade (*mea oratio quanto accederet propius ad illius neglectam simplicitatem, tanto futura sit propior ueritati, cui hac in re soli curam et debeo et habeo; CW 38/12-14*). Na mesma carta, mais uma informação faz com que o leitor espere por um texto “simples”: Morus reconhece não ter nem tempo, nem talento para escrever com engenho, por isso se limitará a escrever, com simplicidade, o que ouviu (*simpliciter scriberentur audita; CW 38/22*)<sup>13</sup>. Uma leitura do livro I, que é constituído principalmente por longas réplicas de Hitlodeu, desmente esta argumentação. No juízo de Erasmo, a prosa de Morus “se inclina mais à estrutura isocrática e à sutileza dialética do que àquela fluente correnteza do estilo ciceroniano, ainda que não seja inferior a Marco Túlio em elegância.”<sup>14</sup>

Esse estilo coloquial do texto utópico, que ademais seu autor clama de “livrinho” (*libellum*), não devem nos levar a acreditar que se trate de um texto simples, como percebeu

<sup>10</sup>“Ses phrases plaines d’ellipses, coupées de paranthèses, donnent l’impression de la langue parlée.” (Delcourt em More, 1936, p. 28)

<sup>11</sup>André Prévost nota as imprecisões da pontuação, as ligações entre as frases desprovidas de originalidade e os trechos entre parênteses, que seriam, para ele, um recurso de Morus para dar à *Utopia* “l’allure du style oral”. Ele continua: “Il semble bien que certaines pages aient été dictées au secrétaire John Clement et que le style n’en aurait pas été châtié par la suite.” (1978, p. 245)

<sup>12</sup>Ver MORVS, *Utopia ou A melhor forma de governo* (2009), p. 150.

<sup>13</sup>Temos aqui o tópico da *confessio humilitatis* servindo ao jogo da verossimilhança.

<sup>14</sup>ERASMO, *Diálogo ciceroniano*. p. 175.

Elizabeth McCutcheon. Ao contrário, a impressão de uma escrita natural e sem esforço é um efeito criado pelo engenho de Morus por uma sofisticação retórica, da qual ela estudou acuradamente um aspecto, o uso das litotes, em seu artigo de 1971 (republicado em *Essential articles for the study of Thomas More*, de 1977). Prévost observa que estruturas sintáticas simplificadas e com modos e tempos que não seguem os usos da *consecutio temporum* do latim clássico (e parecem reproduzir a espontaneidade da língua falada) estão lado a lado com estruturas mais elaboradas formalmente “et, pour répondre aux ‘recherches’ de sa stylistique, il va jusqu’aux limites de la préciosité et de ce que l’on appellera plus tard, en Angleterre, l’euphuisme”<sup>15</sup> (1978, p. 243).

Depreende-se da leitura da *Utopia*, já em seu título, um gosto pela exegese onomástica e pelos jogos de palavras, tão caros a Morus, e especialmente às derivações da língua grega, conforme atesta o próprio nome do marinheiro-filósofo. São Rafael era o nome da embarcação de Vasco da Gama que abriu a rota para as Índias em 1498 e também o nome do anjo do “Deus que cura”, e particularmente, que cura a cegueira (*Tobias*, 10), ou seja, que restitui a visão. A palavra Hitlodeu vem do grego ὑθλέωσ (“falar bobagens”) e δάιος (“hábil”), o que faz do marinheiro-filósofo um hábil contador de histórias, de lorotas, “que faz brilhar invenções”, segundo Delcourt (em More, 1983, p. 22), ou “especialista em disparates”, na tradução de Camargo e Cipolla (in More, 2009, p. XIV). Porém, *daios* também quer dizer destruidor, exterminador, hostil, portanto, segundo este sentido que até agora não encontrei referido por nenhum estudioso da *Utopia*, Hitlodeu seria também o “inimigo das tolices”, ou seja, sábio. Acumulando todos esses sentidos, complementares, temos “um falador de bobagens que detesta bobagens/hostil às bobagens”, “um sábio inventor de lorotas”, brincadeira lexical que remete à reflexão que fez Erasmo a respeito do nome de Morus se assemelhar ao da loucura, *moria* em grego, fazendo, porém uma ressalva à qual já aludimos: apesar de ter a loucura no nome, Morus era de fato sábio. O mesmo raciocínio levou Guillaume Budé a chamar Morus de “oximorus”, figura paradoxal que gera unidade de sentido a partir de uma contradição, e de “mososofos”, sábio-louco (em carta datada de 9 de setembro de 1518). Outros nomes próprios, todos eles motivados, contribuem para o caráter poético da *Utopia*: sua capital se chama Amaurota (obscura), o rio que a atravessa, Anidro (sem água). Seria longo citar todos os substantivos, por vezes neologismos, criados a partir de radicais gregos e latinos. Deles encontram-se boas

---

<sup>15</sup>O *euphuisme*, ou linguagem preciosa, foi colocado em prática em *Euphues* (1578), de John Lyly.

etimologias na edição de Yale das obras completas de Morus (1964), ou na edição francesa de André Prévost (1978), ou ainda na edição portuguesa de Aires Nascimento (2006).<sup>16</sup>

Contribuem para o caráter poético do texto latino da *Utopia* a frequente presença de aliterações e assonâncias, surpreendentemente quase nunca traduzidas. Mostrarei a seguir algumas dessas figuras de repetição<sup>17</sup>, que consistem em uma “colocação repetida, dentro do discurso, de uma parte frásica que já fora empregada” (cf. Lausberg, 2004, p. 166). Chamadas de “figures of sound” por Surtz, essas figuras repetidas “detêm o fluir da informação e dão tempo para que se ‘saboreie’ afectivamente a informação apresentada como importante” (Lausberg, 2004, p. 166). Usadas para reforçar, pela forma, o que se quer dizer, as figuras de som parecem contudo não terem surtido efeito junto aos tradutores da *Utopia* (pelos menos os que eu li até o momento), que, ainda que tenham produzido traduções de grande qualidade, às figuras de som dedicaram escassa atenção, poucas vezes optando por equivalentes, em suas línguas, que reproduzissem os jogos sonoros presentes no texto latino. As figuras de som certamente contribuem para o caráter variado da linguagem na *Utopia* e sua presença, segundo Prévost, não surpreende “chez un auteur particulièrement sensible aux vertus de la musique” (1978, p. 249)<sup>18</sup>.

No livro I, elas estão inseridas em períodos geralmente curtos, característicos da *Utopia*, que, lembremos, tem forma dialógica. Praticamente toda ela consiste em falas de Rafael Hitlodeu que, apenas em dois momentos, no livro I, profere sentenças longas (de fato longas, chamadas por C. Miller de “marathon sentences”)<sup>19</sup>. Concordamos com Surtz quando ele diz que “The dearth of long, complex, formal periodic sentences corresponds to the conversational and familiar nature of the discourse.” (1967, p. 94). No livro II, elas são parte de dois tipos de orações. Orações descritivas, predominantemente curtas e diretas, simples do ponto de vista sintático, e orações mais longas e enviesadas. A correspondência entre o modo de enunciação e o objeto enunciado é direta. Como observa Miller, “Usually, he [o narrador] is simply describing Utopian things as they are, and they are mostly simple

<sup>16</sup>Sobre os jogos de palavras na *Utopia*, ver ainda a introdução de Prévost à sua edição da *Utopia* (More, 1978), o artigo de Quarta (2006) e o de McCutcheon (1992), entre outros.

<sup>17</sup>[A repetição] “Serve assim à *amplificatio* afetiva. Neste caso é de distinguir a igualdade completa da igualdade branda [será este o caso da paronomásia]. O abrandamento da igualdade é um fenômeno de transição para a acumulação. (Lausberg, 2004, 241, p. 166, grifo meu)

<sup>18</sup>Prévost evoca a importância dada à música na descrição da comunidade utópica, cf. p. 92 e 155 de sua edição da *Utopia*: *Nulla coena sine musica transigitur. nec ullis caret secunda mensa bellarijs. odores incendunt, & unguenta spargunt. nihilque non faciunt, quod exhilarare conuiuas possit. sunt enim hanc in partem aliquanto procliuiiores, ut nullum uoluptatis genus (ex quo nihil sequatur incommodi) censeat interdictum. (CW 144/16-23); [...] sicuti quae nobis in usu sunt, multum suauitate uincunt. ita quaedam nostris ne conferenda quidem sint. Verum una in re haud dubie longo nos interuallo praecellunt, quod omnis eorum musica, siue quae personatur organis, siue quam uoce modulatur humana, ita naturales affectus imitatur & exprimit, ita sonus acomodatur ad rem, seu deprecantis oratio sit, seu laeta, placabilis turbida, lugubris, irata, ita rei sensum quendam melodiae forma repraesentat, ut animos auditorum mirum in modum afficiat, penetret, incendat (CW 236/1-9).*

<sup>19</sup>Sobre esses períodos, ver Surtz (1967) e, sobre seu significado, ver Miller (2011).



[...] In such simple sentences [...] everything seems balanced and rectilinear, simple and straightforward, effortless and obviously desirable” (2011, p. 73; 75). A sintaxe torna-se mais complexa quando Hitlodeu compara a Utopia aos países europeus, atacando o que lhe parece incongruente em frases mais longas e menos diretas.

Neste artigo, quero mostrar algumas das “figures of sound” do segundo livro da *Utopia*, cotejá-las com algumas das traduções publicadas (no Brasil, em Portugal, na Itália, nos Estados Unidos e na França), e, em seguida, propor minha própria tradução para elas. Parto do princípio de que não se deve separar a forma e, particularmente, os mecanismos sonoros do texto latino, da ideia que se quer comunicar, logo, penso ser importante tentar traduzi-los, para que não se perca este aspecto da sagacidade moreana.

Vamos então à apreciação de alguns desses trechos dotados de recursos sonoro-semânticos patententes nas traduções de:

- Luiz de Andrade (não encontrei informações biográficas a respeito dele), em Morus, 1937; abreviamos LA – esta é a primeira tradução da *Utopia* no Brasil, e a mais reproduzida por diversas editoras brasileiras; mantive aqui a grafia do português desta edição. Até o momento não encontrei informações biográficas sobre este tradutor, que propõe uma versão bem distante do texto latino, porém, em um português elegante e de agradável leitura.

- Aires Nascimento (nascido em 1939), em Morus, 2006; AN – esta é a última e mais completa edição da *Utopia* disponível em Portugal; o tradutor é professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1970, e a alta qualidade filológica de sua versão deve-se certamente às suas vastas competências nos campos da literatura medieval e renascentistas, codicologia, história do livro e crítica textual.

- Luigi Firpo (1915-1989), em More, 1990; LF, italiano, foi professor nas faculdades de Direito e de Ciências Políticas em Turim, a partir de 1957. Grande estudioso da história das doutrinas políticas em autores do Renascimento e da Contrarreforma e em autores italianos de períodos posteriores, Firpo também propõe uma tradução filologicamente atenta.

- G. C. Richards (não encontrei informações biográficas a respeito dele), em More, 1965; GCR deu a público, em 1923, uma tradução para o inglês que foi, mais tarde, remanejada para ser publicada na edição das obras completas de Morus, publicadas pela Yale University Press.<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Segundo *The Oxford guide to English translation*, a versão de G. C. Richards “is exemplary of the high quality of attained by translators during these years: it is idiomatic without slipping into colloquialisms that could

- Clarence Miller (1930), em More, 2001; CM, americano, é professor emérito da Saint Louis University, conhecido por seus estudos sobre literatura do renascimento e tradutor de, além da *Utopia*, várias obras de Erasmo. Também foi editor executivo da edição das obras completas de Morus, pela Yale University Press.
- Marie Delcourt (1891-1979), em More, 1983; MD, belga, filóloga clássica, helenista e historiadora da literatura belga francófona, foi a primeira mulher a tornar-se professora na Universidade de Liège, a partir de 1929, onde ensinou história do humanismo.
- André Prévost (não encontrei suas datas de nascimento e morte e apenas algumas informações biográficas), em More, 1978; AP, doutor em letras e teologia, cônego, trabalhou no Instituto católico de Lille. Traduziu e estabeleceu a mais completa edição da *Utopia* em língua francesa.
- Também apresento minha própria tradução, Romano Ribeiro, (RR), em andamento, realizada no âmbito de um pós-doutoramento na área de Letras Clássicas, no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas, sob a supervisão de Isabella T. Cardoso.

Escolhi estes tradutores porque, com exceção de Luiz de Andrade, em suas edições, declaram-se filologicamente atentos e preocupados com aspectos estilísticos da *Utopia*. Uma exceção é G. C. Richards, que, se não escreveu sobre o uso do latim moreano, teve, porém, sua tradução revisada por Edward Surtz, que foi quem primeiramente lançou luz sobre as figuras de som da *Utopia*.

O número entre parênteses refere-se à página das edições acima citadas (ver referência completa ao final). Os números que seguem os textos latinos e a tradução de G. C. Richards, tirados das *Complete works of Saint Thomas More*, indicam, após a página, a(s) linha(s).

Farei comentários breves, sem esgotar a comparação entre as diferentes versões, pois meu objetivo, aqui, é sobretudo mostrar, de forma panorâmica, os recursos sonoro-semânticos comentando apenas alguns de seus aspectos.

Este é o trecho inicial da parte que discorre sobre o que os utopianos pensam a respeito da guerra, sob que condições e como guerreiam.

---

otherwise have dated it swiftly, and it ranges smoothly from the elegantly formal through the calmly expository to the bluntly emotional.” (France, 2000, p. 547)

*Bellum utpote rem plane beluinam, nec ulli tamen beluarum formae in tam assiduo, atque homini est usu, summopere abominantur, contraque morem gentium ferme omnium nihil aeque ducunt inglorium, atque petitam e bello gloriam.* (198/30-31 a 200/1-2)

Luiz de Andrade: Os utopianos abominam a guerra como uma cousa puramente animal e que o homem, no entanto, pratica mais freqüentemente do que qualquer espécie de animal feroz. Contrariamente aos costumes de quasi todas as nações, nada existe de tão vergonhoso na Utopia como procurar glória nos campos de batalha. (147)

Aires Nascimento: A ação bélica [em latim *bellum*] é algo de verdadeiramente bestial [em latim *belluinum*], mesmo que não haja qualquer tipo de bestas para quem ela seja tão frequente como para o homem o recurso a ela; muito embora tal aconteça por parte do homem, é rotundamente proscria pelos utopianos e, ao invés do que se passa em todas as nações, a custo se encontrará coisa tão desqualificada como a glória que se busca na guerra.

Luigi Firpo: Hanno in sommo orrore la guerra, cosa in tutto belluina, ma che nessuna specie di belve pratica con tanta frequenza quanto l'uomo, e contro il costume di quase tutti i populi nulla ritengono più inglorioso della gloria che si va cercando in guerra. (252/196-199)

G. C. Richards: War, as an activity fit only for beasts and yet practiced by no kind of beast so constantly as by man, they regard with utter loathing. Against the usage of almost all nations they count nothing so inglorious as glory sought in war.

Clarence Miller: They loathe war as positively bestial (though no sort of beast engages in it as constantly as mankind), and unlike almost all nations they consider nothing more inglorious than glory won in warfare. (105)

Marie Delcourt: Ils détestent la guerre au suprême degré, comme une chose absolument bestiale – alors qu'aucune espèce de fauves ne s'y livre d'une façon aussi permanente que l'homme – et, contrairement au sentiment de presque tous les peuples, ils estiment que rien n'est moins glorieux que la gloire donnée par la guerre. (119)

André Prévost: La **guerre**, cette réalité littéralement **bestiale** à laquelle, cependant, aucune espèce de **bête** ne recourt plus fréquemment que l'homme, est, chez les Utopiens, um objet d'extrême abomination et, à l'inverse de ce qui se passe chez presque toutes les nations, chez eux, rien n'est moins glorieux que la gloire des armes. (129)

A. C. Romano Ribeiro: A **guerra**, claramente uma atividade para quem tem **garras**, mas que nenhum tipo de ser dotado de **garras** pratica tão assiduamente quanto o homem, eles [os utopianos] abominam com todas as suas forças e, contra o costume de quase todos os povos, não consideram nada tão inglório quanto a glória obtida na **guerra**.

Luigi Firpo<sup>21</sup> percebeu o jogo criado pela afinidade semântico-sonoro dos termos *bellum* (guerra) e *belua* (fera)<sup>22</sup> e, em nota, sugere: “Hanno in sommo horrore l'attività **bellica**, cosa in tutto **belluina**”, mas preferiu não manter a aliteração para não “snervare il dettato” (ou seja, ele pensou que subtrairia a energia da formulação se mantivesse a rima).

Manter a rima é um modo de chamar a atenção do leitor para um parentesco etimológico (que hoje se sabe ser falso), já proposto por Sextus Pompeius Festus (séc. II d.C.), no verbete *bellum* do seu *De verborum significatu: a belluis dicitur, quia belluarum sit pernicioso dissentio* [“de *bellua* (besta fera), porque o desacordo das bestas feras é perigoso”]<sup>23</sup>. Na *Cornucopia* de Niccolò Perotti<sup>24</sup>, parte-se de *bellua*: *Bellua, immanis fera, quasi bellum gerens, a quo belluinus, adiectivum* (“*Bellua* (besta fera), monstruoso animal, como em *bellum gerens* (“travar uma guerra”), de onde o adjetivo *belluinus* (bestial)”). Erasmo (e muitos outros humanistas) também se refere a essa associação.<sup>25</sup>

<sup>21</sup>Ver More, 1990, p. 252, n. 1.

<sup>22</sup>O *OLD* define *belua* (ou *bellua*) como um animal selvagem ou ainda um monstro (“w. emphasis on abnormal size, ferocity or strangeness”).

<sup>23</sup>Uma tradução para o português do *De verborum significatu* foi objeto do doutorado de Maria Lucilia Ruy, defendido em 2012, na USP, orientado por José R. Seabra Filho. Ela traduz o verbete *bellum*: “diz-se a partir de *belluae* (bestas feras) porque seja perigosa a desavença das bestas feras” (p. 109).

<sup>24</sup>Publicada em Veneza por Aldo Manuzio, em 1489. Apud Morus, 1990, p. 252, n. 1. Firpo também cita a falsa etimologia com a qual brinca Robert Pace, em 1517, no seu *De fructu...*, bem ao gosto de Morus: *bellis invito intersum, ideo quod minime bella sunt* (“me encontro contra a minha vontade em meio a guerras/atividades bélicas, porque não são belas”), e a etimologia correta, dada por Varrão, no *De lingua lat.*, VII, 49 (*duellum, id postea bellum*; “*duellum* (guerra), que depois passou a ser *bellum* (guerra)”) e por Quintiliano, na *Inst.*, I, 4 15 (*ex duello bellum*; “*bellum* vem de *duellum*”). Outras referências à ideia da prevalência da força do intelecto sobre a força física são citadas no comentário da edição de Yaleem MORE, *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.), 1965, p. 203.

<sup>25</sup>Cf. MORE, *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.), 1965, p. 496. Erasmo também se refere aos mercenários como animais selvagens (cf. Morus, MORE, *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.) 1965, p. 322-323).

Cícero, no *De officiis* (I, 34)<sup>26</sup>, distingue duas formas de combate: o debate por meio de palavras (*disceptationem*), próprio do homem, e o confronto por meio da força física (*vim*), própria dos animais. Em *Utopia*, prefere-se usar a “força do intelecto” (*ingenijs uiribus*), capaz de conceber “estratagemas e artifícios” (*arte doloque*), para que se evite uma guerra cruenta, ao invés da “força do corpo” (*[arte] corporibus*) para sanar conflitos é próprio dos animais<sup>27</sup>.

Marie Delcourt<sup>28</sup> lembra que chefes de guerras da antiguidade tiveram seu valor reconhecido pelo uso que fizeram de estratagemas e artifícios (*arte doloque*, no texto da *Utopia*) para alcançar vitórias, algo que será elogiado também por Maquiavel (*Discorsi*, III, 40). Ela lembra ainda que, como os cínicos, os humanistas preferem as façanhas do espírito, próprias do homem, às façanhas da guerra, ao contrário do que prega a ética cavalheiresca, afeita às regras, mais do que às espertezas.

Portanto, reforçando o parentesco entre *bellum* e *belua*, Morus também reforça sua rejeição do ideal cavalheiresco que vinculava a honra à guerra e ao derramamento de sangue. De fato, toda a *Utopia* contém graves censuras à guerra e trata, em tom satírico, dos homens que a ela se dedicam<sup>29</sup>. *Generosus* e *nobilis*, adjetivos que tinham uma valência positiva, na Inglaterra de Morus, são, ao longo do livro II da *Utopia*, “desmascarados”, já que Hitlodeu mostra o quanto pessoas, comportamentos e objetos nobres são, na verdade, desprezíveis, pois podem ter implicações nefastas para toda a comunidade (por exemplo, a

<sup>26</sup>Atque in re publica maxime conservanda sunt iura belli. Nam cum sint duo genera decertandi, unum per disceptationem, alterum per vim, cumque illud proprium sit hominis, hoc beluarum, confugiendum est ad posterius, si uti non licet superiore. [http://www.thelatinlibrary.com/cicero/offi.shtml#34] “É de máxima relevância que, em nossa República, sejam respeitados os direitos bélicos. Já que dois são os modos de contender, um mediante a disputa persuasiva e outro com o recurso à força, então o primeiro é mais adequado ao ser humano ao passo que o segundo é típico dos animais.” (Trad. de Luiz Feracine)

<sup>27</sup>Lê-se, na *Utopia*: Cruentae uictoriae non piget modo eos, sed pudet quoque, reputantes incitiam esse quamlibet preciosas merces nimio emisse, arte doloque uictos, oppressos hostes impendio gloriantur, triumphumque ob eam rem publicitus agunt, & uelut re strenue gesta, tropheum erigunt. tunc enim demum uiriliter sese iactant, & cum uirtute gessisse, quoties ita uicerint, quomodo nullum animal praeter hominem potuit, id est ingenij uiribus. Nam corporis inquit ursi, leones, apri, lupi, canes, caeteraque beluae dimicant, quarum ut pleraeque nos robore ac ferocia uincunt, ita cunctae ingenio, & ratione superantur. (202/12-22). “A vitória cruenta não apenas os contraria, mas também envergonha, pois pensam ser ignorância conquistar, a um preço alto demais, bens, ainda que preciosos. Orgulham-se de vencer e dominar seus inimigos a custo de estratagemas e artifícios, cujo triunfo eles celebram publicamente, como façanha valorosa, e a esta erigem um monumento. Gabam-se, por fim, de terem agido com virilidade e virtude sempre que vencem como nenhum animal diferente do homem poderia, ou seja, com a **força do intelecto**, pois com a **força do corpo**, dizem, lutam os ursos, os leões, os javalis, os lobos, os cães e outras feras, cuja maioria nos venceria em vigor e ferocidade, mas seria completamente inferior em inteligência e raciocínio.” (Trad. minha.)

<sup>28</sup>Em MORE, *L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. [1ª ed. 1936], (1983), p. 119-121, nota “Par ruse et artifice”.

<sup>29</sup>Ver, por ex., a introdução às CW em MORE, *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.), 1965, p. l-liv.

caça, esporte favorito da aristocracia guerreira, é vista como atividade cruel, e não honrosa).<sup>30</sup>

A iteração de sons em *bellum, belua* e seus derivados, portanto, enfatiza o parentesco que une esses campos semânticos, reforçando a ideia de oposição entre força do intelecto e força do corpo, ligando-se, antes a uma tradição antiga (cara aos humanistas) que a uma tradição cavaleiresca medieval, que relaciona a guerra a uma atividade nobre.

O único tradutor a ter mantido a iteração foi Aires Nascimento. Cabe notar que há, neste trecho latino, outra refetição enfática: *inglorium/glorium*, mantida apenas por Firpo e Delcourt. Eu optei por traduzir *belluina* pela formulação metonímica “para quem tem garras”, de forma a manter a rima. Em outras iterações há menos implicações semânticas, mas, nem por isso, elas deixam de ser instrumentos de ênfase. Vejamos mais quatro exemplos.

O trecho 2, cujo narrador é Rafael Hitlodeu, segue a descrição do que os utopianos consideram uma forma de prazer: “um estado de quietude e tranquilidade do corpo, ou seja, a saúde” (*quieto, atque aequabili corporis statu [...] id est [...] sanitas*; 172/24-26). O trecho inteiro (do qual reproduzimos apenas a parte inicial, onde há iteração), diz que a saúde, apesar de ser menos perceptível para os sentidos, é considerada, por muitos, o maior dos prazeres.

*Quamquam enim sese minus effert, minusque offert sensui, quam tumida illa edendi bibendique libido* (172/28-29)

LA: É verdade que esta espécie de volúpia **não afeta nem atormenta** os sentidos, como por exemplo os **prazeres da mesa** (122-123)

AN: Embora, efectivamente, a saúde se manifeste **menos acentuadamente** que o apetite insaciável **de beber e de comer** e **produza uma impressão muito menor** sobre os sentidos (559)

---

<sup>30</sup>No entanto, Morus, em caráter de exceção, na esteira da teoria agostiniana, aceita a prática da guerra se ela servir para restabelecer a paz. Cf. todo o capítulo sobre atividades militares: *De re militari*, em More, 1965, p. 198-216. Erasmo condena a guerra em vários de seus escritos, como seus *Colloquia* e na célebre carta de 14 de março de 1514 a Antoine de Berghes, baseada em seu adágio *Dulce bellum inexpertis* (“Doce é a guerra para quem não a conhece”). Para ele, a guerra era uma atividade essencialmente anticristã (cf. referências em Morus, 1965, p. 496. Sobre a guerra e os humanistas, ver Adams, 1962. Uma compilação de escritos do príncipe dos humanistas contra a guerra encontra-se em Erasmo, 2008. Aires Nascimento lembra que “a rejeição da guerra está no espírito dos humanistas” e cita o comentário às Cartas de Cícero, VI, 6, 5, no qual Erasmo diz que “uma paz mesmo injusta é preferível a uma guerra justa”, e um sermão de John Colet (“director espiritual de Moro”) no qual ele sustenta que toda guerra é injusta (Morus, 2006, p. 607, n. 161).

LF: Sebbene infatti essa riesca **meno evidente e meno colpisca** i sensi di quella ingorda voluttà di **mangiare e bere** (225)

GCR: Even though it is **less obvious and less perceptible** by the sense than that overblown craving for **eating and drinking** (172/34-36)

CM: Though it is **less obvious** and affects the senses **less grossly than** the insistent desire for **food and drink** (88)

MD: Elle est **moins évidente** et elle s'accompagne de sensations **moins nettes** que la massive jouissance **du boire et du manger**. (100)

AP: [...] bien que la santé se manifeste **moins fortement** et **produise un moindre impression** sur les sens que l'appétit envahissant **du boire et du manger** (III)

RR: Ainda que **apareça menos e ofereça menos** aos sentidos do que a ardente vontade **de comer e de beber**, muitos, entretanto, consideram-na o maior dos prazeres.

O desafio deste trecho é encontrar um equivalente para a sintética formulação paronomástica de *minus effert, minusque offert* e de *edendi bibendique*. Entre os tradutores cotejados, nenhum optou por manter a iteração de *effert/offert*, nem a terminação de participio na voz passiva e no futuro de *edendi/bibendi*. CM e AP mantiveram de certa forma a repetição *quanquam/quam*. Mais fácil foi encontrar equivalentes para as duas repetições do advérbio *minus*. Tentei, na minha versão, manter todas as repetições de sons.

O trecho 3 é parte da descrição de um dos dois jogos (edificantes) praticados pelos utopianos, “não dissemelhantes do xadrez” (*latrunculorum ludo non dissimiles*): a batalha dos vícios contra as virtudes. Aires Nascimento percebe que o detalhamento da descrição sugere que Morus esteja rememorando “uma cena familiar”, quando ele jogava com suas três filhas (Margarida, de 10 anos, Isabel, de 9, Cecília, de 8) precisamente este jogo, que consistia numa “transposição didática e lúdica do tema já tratado por Prudêncio na *Psychomachia*”.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup>Em Morus, 2006, p. 507, n. 43.

*quo praesidio, uirtutes uitiorum uires infringant* (128/25-26)

LA: como a **virtude** repele os assaltos do **vício**, derruba-o e aniquila seus **esforços** (88)

AN: em que **fortaleza** as **virtudes** destroçam as **forças** dos **vícios** (507)

LF: com quali risorse le **virtù** stronchino le **forze** dei **vizi** (184)

GCR: by what safeguards the **virtues** check the **power** of the **vices** (129/27-28)

CM: what defenses the **virtues** use to fend off the **forces** of the **vices** (62)

MD: sous quelle protection les **vertus** brisent l'**assaut** des **vices** (69)

AP: quelles **forces** les **vices** déploient dans la lutte ouverte [...] **vertus** (82)

RR: com que defesas enfraquecem, as **virtudes**, o **viço** dos **vícios**

A repetição da primeira sílaba, *-ui*, aproxima as palavras “virtude”, “vício” e “força”. Sua semelhança sonora coloca em valor sua diferença de sentido. Sua aproximação traz à memória a palavra “homem” (*uir*), como a lembrar a posição do homem como pivô central de um tripé, entre duas forças, a da virtude e a do vício, opostas, porém guardando uma relação próxima, já que o vício pode se disfarçar de virtude, conforme é mostrado em várias passagens do livro I e do livro II da *Utopia*.

A homofonia *uirtutes/uitiorum* se mantém facilmente no português, no italiano e no inglês. Mais difícil é encontrar um som equivalente para *uires*. A tradução de Aires Nascimento não manteve a tripla repetição, mas, colocando lado a lado dois pares homofônicos: “fortaleza”/“forças” e “virtudes”/“vícios”, encontrou uma boa solução para manter a iteração. A paronomásia, porém, permaneceu apenas no último par. Na minha tradução tentei manter a sequência paronomástica dos três vocábulos latinos, traduzindo *uires* por “viço”.

O trecho 4 faz parte da descrição de como se dá o casamento em Utopia.



*Porro in diligendis coniugibus ineptissimum ritum (uti nobis uisum est) adprimeque ridiculum, illi serio ac seure obseruant.* (188/1)

LA: Aliás, os utopianos não se casam às cegas; e para melhor se escolherem, seguem um uso que, à primeira vista, nos pareceu eminentemente ridículo, mas que praticam **com um sangue frio e uma seriedade verdadeiramente notáveis.** (136)

AN: Por outro lado, na escolha dos esposos, observam os utopienses um ritual que (tanto quanto nos pareceu) é mais que estulto e sumamente ridículo, mas **que eles tomam a sério e com gravidade** (587)

LF: Perciò nella scelta del consorte **seguono com grande serietà e rigore** uma procedura, che a me è sembrata del tutto fuor di luogo ed estremamente ridicola. (240)

GCR: In choosing mates, **they seriously and strictly espouse a custom** which seemed to us very foolish and extremely ridiculous. (187/39-189/1)

CM: Moreover, in choosing spouses they have a custom which seemd to us absolutely absurd and thoroughly ridiculous, but **they observe it stricly and seriously.** (97)

MD: Le choix d'un conjoint comporte chez eux une coutume absurde à nos yeux et des plus risibles, mais **qu'ils observent avec le plus grand sérieux.** (110)

AP: Au surplus, dans le choix des époux, les Utopiens **observent, avec beaucoup de sérieux et de gravité,** une coutume qui, à nous du moins, parut des plus déplacées et même, au premier abord, ridicule. (121)

RR: Para escolher o cônjuge, eles, **sérios e severos, observam** um rito que nos pareceu muito absurdo e extremamente ridículo.

Novamente, temos uma sequência de palavras semelhantes no som, mas de significado diferente. Neste caso, a manutenção da iteração do texto latino não foi difícil, seja porque há, em português, inglês, italiano e francês, equivalentes com a mesma raiz do latim (no caso de *serio*/"seriedade"/"a sério"/"serietà"/ "seriously"/"sérieux"), seja porque

nas versões analisadas alguns dos tradutores (LA, GCR e CM) escolheram palavras que repetem o “s” de *seuere* (“com um sangue frio” e “strictly” remetem ao “s” de *seuere*).

Na minha versão, tentei manter a concisão do texto latino operando uma traição que transforma os advérbios em adjetivos e mantém a repetição com palavras mais curtas do que se tivesse escolhido “séria e severamente”, por exemplo.

É na parte em que se discorre sobre os tratados que encontra-se o trecho 5, o último que apresentaremos aqui. O narrador conta que os utopianos não os têm, que na Europa eles existem e são respeitados (aqui se percebe que se fala de uma Europa ideal – talvez Morus tivesse receio de aludir aos tratados não respeitados por Henrique VIII), e que no Novo Mundo eles existem mas nunca são respeitados. Lá, tem-se a impressão de que a justiça é “uma virtude plebeia e humilde” (*plebea uirtus & humilis*), que não se aplica aos reis, ou então que há duas justiças, uma para o povo e outra para os príncipes, para quem tudo o que lhes agrada lhes é permitido.

*altera principum uirtus, quae sicuti sit quam illa popularis augustior: sic est etiam longo interuallo liberior, ut cuinihil non liceat nisi quod non libeat*(198/13-14)

LA: outra, para uso dos reis, infinitamente mais augusta e mais elevada, infinitamente mais livre, e a qual só está inibida de fazer o que não quer. (145)

AN: outra, a virtude dos príncipes, que, sendo mais elevada que a do povo, também é de longe mais liberal, de tal modo que só não lhe é permitido tudo quanto não lhe apraz (605)

LF: l'altra, che è una virtù da principi, tanto più insigne di quella popolare e perciò di gran lunga più libera, al punto che ogni cosa le è permessa, purché le faccia comodo. (250)

GCR: the other a virtue of kings, which, as it is more august than that of ordinary folk, is also far freer so that everything is permissible to it – except what it finds disagreeable. (199/14-17)

CM: the other kind is a virtue proper to princes, which is more august than the ordinary virtue and hence much freer – forbidden, in fact, to do only what it does not wish to do. (104)

MD: l'autre est à l'usage des rois et, dans la mesure même où elle est plus auguste que sa plébéienne soeur, elle est aussi bien plus libre, **dispensée de rien faire qui lui déplaie.**  
(118)

AP: l'autre est la vertu des princes, si auguste que la distance qui la place au-dessus de la justice du peuple n'a d'égal que la différence qui sépare les libertés qu'elle prend des contraintes imposées à l'autre, puisque **rien ne lui est interdit que ce qui ne lui plaît pas.**  
(128)

RR: outra, a virtude dos príncipes, a qual, como é certamente mais augusta que a do povo, é, de longe, mais livre: **nada que pede não se lhe concede.**

Nenhum dos tradutores analisados manteve a rima *liceat/libeat*, mas AN encontrou um equivalente para a repetição de *ni-* em *nihil/nisi quod* repetindo “não lhe” no par “só não lhe”/tudo quanto não lhe”. CM também manteve a repetição com a tripla repetição do som “do” em “to do”/“does not wish to do”. LA e AP mantiveram as litotes mas perderam a rima. Optei por uma pequena traição em “pede” (ao invés de “lhe é permitido”)/“concede” (ao invés de “lhe agrada”), com o objetivo de manter a rima *liceat/libeat*.

Termino aqui este artigo, que teve o objetivo de mostrar algumas particularidades do texto latino da *Utopia* de Thomas Morus: os jogos sonoro-semânticos, ou seja, os recursos poéticos por ele usados e raramente traduzidos. Esses jogos são parte importante da *Utopia*, constitutivos de uma estética do *serio ludere* (“brincar com seriedade”), satírica, e afins à ideia de que se pode corrigir os costumes por meio de diversão (*ridendo castigat mores*), ou ainda instruir divertindo (conforme o preceito horaciano do *prodesseet delectare*).

Toda tradução tem uma intenção e segue um projeto tradutório, ainda que não explicitado pelo tradutor. Meu projeto tradutório busca jogar luz sobre estes recursos sonoro-semânticos do texto moreano, para os quais procuro equivalentes, mesmo à custa de pequenas traições, considerando importante que as repetições, instrumentos de ênfase, sejam mantidas, ainda que ao preço de certa artificialidade. Isso certamente vai contra a estética da *uariatio*, predominante na prosa, segundo a qual (assim rezam os manuais de redação) deve-se justamente evitar repetir palavras e sons em um texto de prosa – de fato, a maior parte dos tradutores analisados parece obedecer à variação. Evitando as repetições, porém, perde-se a cor poética da prosa de Morus.

## Referências Bibliográficas

- ADAMS, R. P. *The better part of valor: More, Erasmus, Colet and Vives on humanism, war and peace, 1496-1535*. Seattle: University of Washington Press, 1962.
- CAVE, Terence (Ed.). *Thomas More's Utopia in early modern Europe. Paratexts and contexts*. For the project "Dislocation: practices of cultural transfer in the early modern period" at the University of Oslo. Manchester/New York: Manchester University Press, 2012.
- ERASMO. *Contro la guerra*. A cura di massimo Jevolella. Milano: Mondadori, 2008.
- ERASMO. *Diálogo ciceroniano*. Tradução e prefácio de Elaine C. Sartorelli. São Paulo Editora Unesp, 2013.
- FRANCE, Peter (ed.). *The Oxford guide to literature in English translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GIBSON, R. W. (Org.) *St. Thomas More: A Preliminary Bibliography of His Works and of Moreana to the Year 1750*. New Haven & London: Yale University Press & London University Press, 1961.
- GOYARD-FABRE, Simone. Présentation et notes. In: MORE, T. *L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. Traduction avec notes de Marie Delcourt. Paris: Flammarion, 1987.
- HOVEN, René. Essai sur le vocabulaire néo-latin de Thomas More. In: *Lexique de la prose latine de la renaissance. Dictionary of Renaissance Latin from prose sources*. Deuxième édition revue et considérablement augmentée/Second, revised, and significantly expanded edition. Avec la collaboration de/Assisted by Laurent Grailet. Traduction anglaise par/ English translation by Cohen Maas. Revue par/ Revised by Karin Renard-Jadoul. Leiden-Boston: Brill, 2006, p. 659-683.
- KYTZLER, Bernhard. "Utopia". In: *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2012. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Acessado em 04/08/2012. <<http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/utopia-e1226510>>
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MARC'HADOUR, G. "Thomas More: les arcanes d'un nom". In: *Moreana*, 1964, n. 2, p. 55-70 e 1965, n. 5, p. 73-88.
- MARC'HADOUR, G. *Thomas More ou la sage folie*. Paris: Seghers, 1971.

- McCUTCHEON, Elizabeth. Denying the contrary: More's use of litotes in the *Utopia*. *Moreana*, 31-32, 1971, p. 107-122.
- McCUTCHEON, Elizabeth. Ten English translations/Editions of Thomas More's *Utopia*. *Utopian studies*, vol. 3, n. 2, 1992, p. 102-120.
- MILLER, Clarence. Style and meaning in More's *Utopia*: Hythloday's sentences and diction. In: *Humanism and style. Essays on Erasmus and More*. With an Introduction by Jerry Harp. Bethlehem: Lehigh University Press, 2011.
- MONSUEZ, R. Le Latin de Thomas More dans *Utopia*, Annales publiées par la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Toulouse, Nouvelle Série, t. II, fasc. I, janvier, 1966, *Caliban*, 3, p. 35-78.
- MORE, Thomas. *L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. Texte latin édité par Marie Delcourt avec des notes explicatives et critiques. Paris: Droz, 1936.
- MOORE [sic], Thomas. *A Utopia*. Tradução e prefácio de Luiz de Andrade. Rio de Janeiro: Athena, 1937.
- MORE, Thomas. *Utopia*. In: Surtz, Edward S.J.; Hexter, J.H. (ed.). *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 4. New Haven and London: Yale University Press, 1965.
- MORE, Thomas. *L'Utopie*. Présentation, texte original, appareil critique, exégèse, traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978.
- MORE, Thomas. *L'Utopie ou Le Traité de la meilleure forme de gouvernement*. [1<sup>a</sup> ed. 1936] Texte latin édité et traduit par Marie Delcourt avec des notes explicatives et critiques. Genève: Droz, 1983.
- MORE, Thomas. *Utopia (1516)*. A cura di Luigi Firpo. Napoli: Guida, 1990.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Translated with an introduction by Clarence H. Miller. New Haven & London: Yale University Press, 2001.
- MORE, Thomas. *Utopia*. Translated, edited and introduced by Dominic Baker-Smith. London: Penguin, 2012.
- MORVS, Thomas. *Vtopia ou A melhor forma de governo*. Tradução, com prefácio e notas de comentário de Aires A. Nascimento. Estudo introdutório de José V. de Pina Martins. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- Oxford latin dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- PRÉVOST, André. Le texte de *l'Utopie* (Les premières éditions de *l'Utopie*; La langue latine de *l'Utopie*; Les traductions de *l'Utopie*; Directives pour la lecture du fac-similé). In: More, Thomas. *L'Utopie*. Présentation, texte original, appareil critique, exégèse, traduction et notes de André Prévost. Paris: Mame, 1978, p. 215-275.

QUARTA, Cosimo. “Utopia: gênese de uma palavra-chave”. In: *Morus – Utopia e Renascimento*, 3, 2006, p. 35-53.

SULLIVAN, Mary Rosenda. *A study of the cursus in the works of St. Thomas More*. Washington, D. C.: The Catholic University of America, 1943.

SURTZ, Edward L. Aspects of More’s latin style in *Utopia*. *Studies in the Renaissance*, 14, 1967, p. 93-109.

SURTZ, Edward L. Utopia as a work of literary art; Vocabulary and diction in *Utopia*. In: More, Thomas. *Utopia*. In: SURTZ, Edward S.J.; HEXTER, J.H. (ed.). *The Complete Works of St. Thomas More*, vol. 4. New Haven and London: Yale University Press, 1965, p. cxxv-cliii; 579-582.